

ITINERÁRIO DE UM MESTRE QUE LEVA A PENSAR

(Em avant-première extratos da biografia de Lacan)

N um livro publicado atualmente pela Editora Fayard a historiadora da Psicanálise, Elisabeth Roudinesco, conta a aventura intelectual e pessoal de Jacques Lacan, seu gênio e suas mesquinhas.

COM PICASSO, SARTRE, BEAUVOIR...

Jacques Lacan, que estava a partir de então integrado ao círculo dos próximos de Leiris e de Bataille, foi convidado naquela primavera de 1944 a encontrar pela primeira vez Sartre, Beauvoir e Camus. Foi de fato em 19 de março que aconteceu, no apartamento de Leiris, a leitura pública de uma peça de Picasso escrita em janeiro de 1941: "le Désir attrapé par la queue" ["O Desejo agarrado pelo rabo"]. Inspirada no grande estilo surrealista dos anos 20, ela coloca em cena todos os fantasmas das privações alimentares relacionadas ao período da Ocupação. Camus conduz a ação batendo no chão com uma bengala para anunciar as mudanças das cenas; Leiris representou o papel de Gros-Pied [Pé-Grosso] e Sartre o de Bout-Rond [Pedacinho Redondo]; Beauvoir interpretou Cousine [Prima]. Quanto a Dora Maar, a companheira de Picasso, ela era a Angouisse-Grosse [Angústia-Gorda]. Zanie Campan, jovem comedianta, esposa do editor Jean Aubier, encarnava a Tarte [Torta, Bolo]. Dentre aqueles que assistiam e aplaudiam se encontravam Bataille, Jean-Louis Barrault, Braque e toda a família sartreana. Dois dias após a representação, Brassai fez retornar ao apartamento de Leiris as principais testemunhas e atores daquela festa para os transportar para sua película. Os íntimos prolongaram os ágapes até o amanhecer. Mouloudji canta "les Petits Pavés" [Paralelepípedos], e Sartre "J'ai vendu mon âme au diable" ["Eu vendi minha alma ao diabo"]: "Paris era um grande campo de prisioneiros, escreveu Beauvoir (...); beber e conversar juntos no coração das trevas era um prazer tão furtivo que nos parecia ilícito. Ele participava das felicidades clandestinas. "Naquela tarde ela observou demoradamente Lacan, cujo espírito transbordante de idéias e de energia a impressionou, mas ela estava muito intimidada para manifestar outra coisa que uma "insipidez ocasional devido ao álcool". Quanto a Zanie Campan, que já havia encontrado com Lacan na galeria Louise Leiris e admirava a comedianta soberba que era Sylvia, ela descobriu que eles formavam um par engraçado: "Ela não aparentava sua idade e parecia antes ser sua filha que sua companheira. Sentia-se nele uma inteligência de inquisidor malicioso e tinha-se a impressão que ele continha uma atividade de criação que ia revirar o mundo". Picasso distribuiu entre os participantes um exemplar original da peça em papel Canson.

No dia seguinte, imediatamente após ter saído dos torpores noturnos, Leiris foi à igreja Saint-Roch onde estava sendo celebrada uma cerimônia em memória de Max Jacob, assassinado pelos nazistas. Enquanto todos aguardavam com impaciência a vitória dos aliados, aconteciam na Alemanha extermínios massivos de deportados.

Após o alegre sonho de março, "fiestas" foram organizadas na casa de uns e de outros. Atores e testemunhas sonhavam com uma nova maneira de viver,

1

com uma razão de esperança aguardando ansiosamente o anúncio do desembarque dos aliados sempre prometido e sempre adiado. A festa tinha seus comediantes, seus dramaturgos, seus acrobatas e seu público. Numa tarde, Dora Maar imitou uma corrida de touros enquanto que Sartre dirigia uma orquestra, Limbour cortava o presunto e Bataille e Queneau duelavam com garrafas. Lacan se divertia como os outros. Leiris, Bataille e Queneau, que já o conheciam de longa data e o tinham freqüentado durante toda sua vida, não leram o que ele escrevia; e, se o fizeram, nunca tiveram oportunidade de dizê-lo nos seus escritos. Da mesma forma Kojève e Koyré, cujo ensinamento permaneceu para ele uma fonte inesgotável. No grupo que ele passou a freqüentar no fim da Ocupação, somente Beauvoir e Merleau-Ponty serão leitores atentos.

Em 1948, quando estava preparando seu livro sobre as mulheres, que ia tornar-se "O Segundo Sexo", Beauvoir tomou conhecimento do texto de Lacan sobre a família e o estudou demoradamente, após o que ela se mostrou tão atenta às querelas internas do movimento psicanalítico a respeito da sexualidade feminina que telefonou a Lacan para pedir-lhe conselhos sobre a maneira de tratar a questão. Lisonjeado, este respondeu que precisaria cinco ou seis meses de conversações para desembaralhar a coisa. Não tendo vontade de consagrar tanto tempo para escutar Lacan para uma obra já fortemente documentada, ela lhe propôs quatro entrevistas. Ele recusou. Quanto a Merleau-Ponty, ele manteve com Lacan uma relação intelectual importante à qual juntou-se um elo familiar. As esposas dos dois homens tornaram-se amigas e suas filhas, Judith e Marianne, passaram férias juntas com freqüência.

A notoriedade adquirida pela freqüentação do meio intelectual havia trazido a Lacan, já antes da guerra, uma pequena clientela particular, entre a qual a cantora Marianne Oswald, depois Dolly Pastré e seu sobrinho Jean-François, bem como Dora Maar e ainda muitos outros. Ele foi também o médico pessoal de Pablo Picasso. Até aproximadamente 1947 ele teve poucos pedidos de análise didática. Não só ainda não era um mestre que levava a pensar no meio psicanalítico, mas, na segunda geração, era menos famoso que Sacha Nacht para os tratamentos de formação, o qual se beneficiou do prestígio do seu encontro com Freud e de um currículo melhor integrado às regras da IPA. A partir de 1948-1949, a situação se reverteu a seu favor à medida em que a terceira geração psicanalítica francesa estava atraída pelo seu ensinamento. A partir de então ele trabalhou em tempo integral como psicanalista particular.

Em outubro de 1944, Georges Bernier voltou a Paris e morou no número 5 da rue de Lille, onde viviam naquela época Sylvia e Judith. Ele tomou parte em algumas "fiestas". Tendo vivido no mundo anglo-saxão, ele havia se tornado um ardente defensor da democracia parlamentar. Certo dia ele perguntou a Lacan e a seus companheiros se por acaso acontecia deles votarem: estupefação geral, risos, e resposta negativa... Bernier retomou durante dois anos sua análise (...)

A ESTRUTURA, O NOME-DO-PAI

Quando Madeleine Chapsal, jovem colaboradora do "l'Express", encontrou Jacques Lacan pela primeira vez, quando do lançamento da revista de seu esposo, Jean-Jacques Servan-Schreiber, ele usava uma peruca ruiva e hirsuta. Ele foi apresentado a ela por "Jibé" Pontalis e ele a convidou para dançar. Isto aconteceu

durante uma destas soirées de "cabeças" organizadas por "les Temps modernes", onde a tradição exigia que as pessoas se fantasiassem.

Já cinquentão, Sua Majestade havia se instalado num papel de mestre barroco que convinha à imagem que ele queria dar-se de si mesmo. No anfiteatro do hospital Saint-Anne, onde ocorriam semanalmente seus seminários, ele falava com uma voz sincopada, cheia de suspiros e de ressonâncias. Ele trazia sempre algumas folhas cobertas de anotações e desenhos cuja função era de acompanhar o longo suspense duma palavra ao mesmo tempo retida e desvelada. Às vezes murmurava coisas ininteligíveis à maneira de Édipo em Colona, procurando parar o tempo na duração dum silêncio pesado; às vezes ele aumentava o tom à maneira de Hamlet em face da morte, como para contradizer a secreta lentidão de um pensamento em sofrimento. Sombrio e tumultuoso, ele fazia surgir da pausa do seu enunciado ou da falha da sua memória a rigorosa lógica dum inconsciente do qual parecia imitar o fluxo. O seminário era o lugar de uma catarse coletiva em que cada ouvinte podia ter a certeza que o orador se dirigia somente a ele. De 1953 a 1963, este lugar foi um verdadeiro laboratório de pesquisas para todos aqueles que o freqüentaram: filósofos, psicanalistas, escritores. Reinou uma atmosfera de banquete socrático que desapareceu mais tarde, mas cuja marca se encontra nos intercâmbios entre o mestre e seus interlocutores: diálogos extremamente ricos (...)

SUA FORTUNA

Para o dinheiro, Lacan tornou-se, com o passar dos anos, sempre mais guloso, mostrando-se ao mesmo tempo avaro e pródigo. Ele manifestou também uma certa atração pelo ouro, ao ponto de colecionar lingotes. No fim de sua vida ele era titular de quatro contas bancárias.

Durante uma dezena de anos ele atendeu uma média de dez pacientes por hora, para uma média de aproximadamente vinte dias trabalhados por mês. E oito horas diárias de análise, dez meses por ano. Ele ganhou, pois, graças à psicanálise, aproximadamente quatro milhões de francos anuais, se se considerar que o preço da sessão de análise oscilou entre 100 e 500 francos, e o da sessão de controle entre 300 e 500 francos. Além da rue de Lille ele era proprietário de mais dois apartamentos: um ocupado por Marie-Louise Blondin, na rue de Chazelles; um outro por uma antiga governanta de Alfred. Quanto à La Prévôté, tinha sido colocada em sociedade civil imobiliária.

Quando da sua morte, ao contrário de Balthazar Claës, Lacan era, pois, riquíssimo: em ouro, em patrimônio, em dinheiro líquido, em coleções de livros, de objetos de arte e de quadros (...)

OS TRATAMENTOS

Freqüentemente Lacan recebia seus pacientes ao sair da cama, vestido de um elegante robe de chambre e calçando pantufas pretas. Após algumas sessões expedidas, muito rápidas, ele desaparecia para a fazer a barba, vestir-se e perfumar-se. Às vezes ele pedia à Glória para cortar-lhe as unhas. Ele gemia como uma criança a cada movimento da tesoura. A maior parte do tempo ele recebia a domicílio seu alfaiate, sua pedicure, seu cabelereiro, continuando, porém, a ministrar o tratamento.

Enfim, na hora do almoço, ele deixava o 5 para ir tomar suas refeições na casa de Sylvia.

Com esta organização do tempo e do espaço Lacan havia chegado a abolir as fronteiras entre sua vida privada e sua vida profissional. Apesar da sua prodigiosa memória, ele esqueceu ao longo dos anos quem estava com ele em análise ou em controle. Esqueceu também quem vinha trazer-lhe nós ou matemas, quem queria simplesmente encontrá-lo. Foi preciso redigir fichas de identidade que Glória conservava.

Entre 18 e 20 horas, uma certa Paquita substituía Glória. Jovem espanhola, um pouco surda e fleumática, ela tolerava muito bem a estranha atmosfera da rua de Lille. Lacan lhe deu o qualificativo de "pobre idiota" e acostumou-se a gritar o nome dela. Ele a submeteu a exigências extravagantes às quais ela se dobrou com uma estupenda indiferença. Ele ordenava a ela, por exemplo, ir buscar chá, e no meio do caminho a chamava de volta porque ele tinha mudado de idéia e queria outra coisa. Ele voltava então perto dele e retornava com um novo pedido para voltar novamente, até o esgotamento.

Em tais condições o tratamento não acontecia mais no consultório do doutor. Ele se desenrolava em qualquer outro lugar. Primeiro, nos diferentes aposentos da casa, depois no seminário, enfim no café "les Deux Magots", onde os analisantes se reencontravam para comentar o conteúdo ou a ausência de conteúdo das suas sessões e às vezes entregar-se a interpretações rocambolescas dos gestos e das palavras do mestre. Quando Lacan tornou-se surdo, alguns alunos recusaram assim a aceitar a deficiência do grande ouvido idolatrado: "Ele não é moco, disseram eles, ele faz de conta que não ouve". Da mesma forma quando em 1978 chegaram os primeiros sinais de distúrbios cardio-vasculares, as ausências de Lacan, seus silêncios, seus acessos de raiva, seus murros intempestivos foram considerados, às vezes, como sutis interpretações, às vezes como os sinais de uma fadiga devida à idade. A presença do soberano e a lembrança encantatória do que havia feito sua verdadeira grandeza bastavam para soldar uma frágil comunidade obsecada por uma morte anunciada (...)

"Jacques Lacan"
por Elisabeth Roudinesco
Fayard, 724 páginas, 180 F.

Le Nouvel Observateur, nº 1505